



MOTORISTAS param em Campinas e cem mil ficam prejudicados. Folha de São Paulo, São Paulo, 03 mar. 1979.

Motoristas param em Campinas e cem mil ficam prejudicados

CAMPINAS (Sucursal) — Os motoristas da Companhia Campineira de Transportes Coletivos — CCTC —, principal empresa do serviço urbano local, decidiram aceitar ontem a proposta de acordo salarial apresentada pela diretoria da empresa no início da noite. Dessa forma, o transporte coletivo da cidade voltará à normalidade hoje, desde que a empresa não puna os grevistas, única condição imposta para o retorno ao trabalho além da aceitação do acordo.

A greve, iniciada na manhã de ontem na CCTC, provocou surpresa na cidade, onde cerca de cem mil pessoas dependem dos coletivos para se locomover. Atrasos e faltas no trabalho, motoristas particulares cobrando quinze cruzeiros para levarem as pessoas ao Centro, princípio de depreciação de ônibus nos bairros da periferia e detenção de dois jovens que estavam vendendo o jornal "O Trabalho" aos grevistas conturbaram o trânsito de Campinas e deixaram a cidade em clima de expectativa.

Os motoristas pararam a partir das 4h30 de ontem, reivindicando vinte por cento de aumento salarial a partir de 1.º de fevereiro. A CCTC, porém, não concordou com a proposta e tentou envolver a Prefeitura no problema, solicitando atraso no pagamento do Imposto Sobre Serviços durante três meses para poder conceder aumento aos empregados. A Prefeitura, porém, recusou o pedido da empresa.

Em linhas gerais, a proposta da empresa dispõe que os 10% concedidos como adiantamento no início do ano sejam considerados como aumento efetivo a contar de 1.º de fevereiro. Além disso, serão incorporados aos salários prêmios que somam cerca de Cr\$ 700,00 e a partir de 1.º de fevereiro será concedido mais dez por cento de antecipação, a serem descontados no próximo dissídio, em maio.

AGREVE

Apenas cerca de 50 dos 326 ônibus da empresa circularam ontem, dirigidos por manobristas, mecânicos, inspetores e fis-

cais, no período da manhã. No pátio da CCTC, policiais apoiados por dois caminhões e duas rádios-patrolhas, não permitiam a realização de piquetes dos grevistas, que queriam impedir a saída dos carros.

A população, como alternativa de transporte, restaram as outras quatro empresas permissionárias — responsáveis por apenas 30 por cento dos serviços, em áreas de pouca densidade — e os táxis, cujos motoristas chegavam a cobrar Cr\$ 15,00 por pessoa para ir ao centro. A falta de transporte provocou muitas faltas em indústrias e estabelecimentos comerciais. Houve casos de funcionários que só chegaram às indústrias às 9 horas.

Como a maioria dos usuários da CCTC, os motoristas de táxi não se mostraram contrários ao movimento grevista, alegando "dó dos empregados da empresa, que recebem salários muito baixos". Carolina Guerazi, passadeira de roupas, apoiava a greve mesmo estando à espera de ônibus a mais de 45 minutos, no Centro da cidade. "Meus meninos já trabalharam como cobradores e ganhavam uma miséria" — disse.

A alternativa da população se resumiu aos poucos ônibus da Viação Campos Eliseos (80); Viação Santa Catarina (28); Viação Caprioli (10); e Rápido Luxo Campinas (cerca de 50), que colocaram todos os veículos em serviço, a pedido da Prefeitura, circulando mesmo nas principais linhas da CCTC.

PASTORAL

A Associação dos Pós-Graduados de Física da Universidade Estadual de Campinas Unicamp; o Diretório Central de Estudantes, a Associação de Docentes da Unicamp e o Movimento de Convergência Socialista distribuíram nota de apoio ao movimento grevista, lembrando que "a população também vive os mesmos problemas de motoristas e cobradores, de baixos salários e más condições de trabalho."

Na nota, os quatro organismos afirmam estar acompanhando

de perto os esforços que os grevistas fazem para sobreviver, irabalhando até 12,14 ou 16 horas por dia, porque seus salários de forma alguma são suficientes para sustentar a si e suas famílias, ainda mais levando em conta a alta insuportável do custo de vida. Também a Comissão de Pastoral das Vilas Planejadas e Comunidades de

Periferia e a Pastoral Operária de Campinas apoiaram o movimento, justificando que a "CCTC" nos serve mal, cobrando caro e colocando poucos carros nas linhas". Assim, acrescentam na nota, "muitas vezes descarregamos sobre motoristas e cobradores a culpa que é somente da empresa."

O vice-prefeito José Roberto Magalhães Teixeira disse que a greve é justificada porque, embora o transporte coletivo seja um dos problemas que afeta as grandes cidades brasileiras, não tem merecido um maior cuidado. "O que temos visto até agora são os tecnocratas analisando a problemática do sistema viário das metrópoles, das cidades médias e discutindo os modelos das máquinas de transporte, sem manifestarem a mínima preocupação com o aspecto humano", afirmou.

Os presidentes dos Sindicatos dos Metalúrgicos, dos Bancários e dos Trabalhadores no Petróleo, Cid Ferreira de Souza, Armando Soares e Jacó Bittar, também manifestaram apoio à greve dos motoristas da CCTC, utilizando frases como "a mais justa possível", "plenamente legítima" e "exercício do direito do trabalhador".

Por sua vez, os motoristas da CCTC, que passaram o dia sentados fora da sede da empresa, afirmaram que a greve não envolve apenas problemas salariais, mas falta de condições de trabalho, desde o tempo destinado ao almoço — doze minutos — no final de cada linha. Eles disseram também que muitas vezes são forçados a dirigir veículos sem as mínimas condições de segurança, com problemas no motor e no câmbio, sob ameaça de serem dispensados do trabalho.

MOTORIZAS parim em Campinas e com mil licençã pãchicãdoz Folha de São Paulo, São Paulo, 03 mar. 1979.



Os motoristas de Campinas entraram em greve, exigindo aumento de 20% nos salários.



Policiais garantiam a segurança dos poucos ônibus que circularam.